

Diversão & Arte

CINEMA ÍNTIMO e pessoal

A SINGULARIDADE
DAS RELAÇÕES
HUMANAS, NA BRASÍLIA
DOS ANOS DE 1980, MOVE
PEQUENAS CRIATURAS,
FILME RECÉM-PREMIADO DA
BRASILIENSE
**ANNE PINHEIRO
GUIMARÃES**

» RICARDO DAEHN

"**B**rasília é uma cidade altamente cinematográfica", pontua a entusiasmada diretora de cinema Anne Pinheiro Guimarães, brasiliense, recém-vencedora no disputado Festival do Rio que, aos 49 anos, investe num título altamente interiorizado: *Pequenas criaturas*, encabeçado por atores como Fernando Eiras, Michel Melamed, Carolina Dieckmann, Letícia Sabatella e Caco Ciocler. "O filme é uma grande homenagem à minha mãe, e é uma grande homenagem a Brasília. É uma trama sobre amadurecimentos em três idades: para um menino de 7 anos (Dudu, papel de Lorenzo Mello); para outro, de 15 (André, papel de Théo Medon), e para uma mulher que chega aos 40 como uma mãe em crise existencial", comenta a diretora, filha de um diplomata e de uma socióloga norte-americana, ambos inspirações para o longa. "O filme é dedicado à minha mãe. Sem saber, a Carolina filmou, fazendo o papel da minha mãe", conta.

Formada na Sorbonne (França), Anne ressalta a importância de UnB na trajetória. “Para mim, ela mora no meu coração. Meu irmão mora em Brasília, ele é formado lá. Inclusive, quando leu o roteiro do filme, disse: ‘Você escreveu um filme sobre a minha vida!’ Achei engraçado”, relembra Anne, que enfatiza: “O filme traz a minha Brasília. Está lá, o meu (olhar do) Clube das Nações, da Esplanada, da Nicolândia — que é outro marco da cidade. Há aquela Rua dos Anexos...”

A diretora diz não ter filmado na quadra em que morou, “por Brasília ter virado um bosque”. “A Brasília de 1986, que vivi, não é a Brasília de hoje. Brasília hoje é um jardim. Quando, cheguei em 1985, tudo era muito mais árido, era muito mais amplo, havia mais espaços vagos e terrenos baldios”, demarca. Hoje, Anne conta do lado extramente pessoal de *Pequenas criaturas*. “Morei em Brasília exatamente na idade dos dois meninos (personagens). Sinto Brasília muito dentro assim, pela minha formação, nos anos mais importantes, entre os 8 e os 15 anos. Em 1986, veio a abertura, estávamos numa democracia e isso é um pouco a história da Helena (Dieckmann). Ela se

pergunta: o que você faz com essa liberdade toda? O filme traz emoções muito contidas. Vem um drama nada escancarado, como numa panela de pressão", explica.

No filme, Helena faz amizade com a vizinha. “Trato muito da Brasília das relações humanas. A importância das conexões. Brasília é um personagem muito importante no filme, porque a história que acontece no filme jamais poderia acontecer em outra, daquela forma. Nos anos 1980, sem internet, há histórias bem diferentes”, adianta Anne. Ainda que muito pessoal, *Pequenas criaturas* parece ter um punhado de lastró universal. Pensando na possibilidade de Dado Villa-Lobos fazer a música do longa, a diretora conseguiu “por A mais B, chegar nele”. “Mandei o roteiro, ele leu, encontrei com ele, que disse: ‘Anne, você escreveu um roteiro com coisas que aconteceram comigo com 10 anos de antecedência’. O filme tem esse DNA das famílias que chegam em Brasília, numa experiência com quê de coletiva.”

Entre trabalhos no Brasil e em Los Angeles, Anne cita os últimos agitados 20 anos na política brasileira, que impulsionaram obras de outras colegas mulheres, na linha documental, entre as quais Petra Costa, Anna Muylaert, Petra Costa e Maria Augusta Ramos. Tudo diferente dela, que, ao lado da codiretora Carolina Jabor, mesclou ficção e realidade em *Transe*, filmado em Brasília em julho de 2024. “Ele é radicalmente oposto ao *Pequenas criaturas*. O *Transe* foi um filme coletivo, filmado no calor dos acontecimentos (integrado pelo movimento #elenão), com imagens até julho passado, sem a gente saber o que ia acontecer no dia seguinte. Trouxe pensamento coletivo que incluía muito o elenco. Era uma reação às surpresas que transcorriam naquele presente”, destaca a diretora, sempre atenta ao que acontece “politicamente”. “Quero muito que as pessoas assistam ao *Pequenas criaturas*. Foi uma experiência muito legal, inclusive com as pessoas acolhedoras da cidade. Foi muito, muito bacana”, conclui.

Pequenas criaturas maturou muitos anos na mente de Anne Guimarães, que esperou um distanciamento, para decantar a visão da maternidade



PAUL BAILO/DIVULGABAU

ENREDOS NOSTÁLGICOS

» MARIA LUÍSA VAZ*

Na ficção do longa *O último episódio* há um quê de inspiração na vida do próprio diretor e roteirista Maurílio Martins, que decifra um rito de passagem protagonizado por Erik, a postos para a primeira paixão platônica, numa situação partilhada com

amigos. Matheus Sampaio, o protagonista, destaca que aprendeu muito sobre maturidade com o personagem: “O Erik me ensinou muita coisa, como pessoa, acho que amadureci muito através desse filme”. Em entrevista ao **Correio**, o diretor explica como suas experiências se entrelaçam à trama do filme.

Duas perguntas // Maurílio Martins, cineasta

A história é carregada de nostalgia, além da Caverna do dragão, tem algum desenho que faz você voltar para a infância e para momentos que marcaram sua vida?

Tem uma série de coisas que me retorna, uma delas é o desenho O pirata do espaço. Eu fiz questão de que o Erik usasse a camisa do desenho na parte que, para mim, é mais difícil do filme, que é quando ele pergunta para a mãe sobre a morte do pai. É um desenho que eu vi

com 6 ou 7 anos, que eu já falei em terapia e me marcou muito. O longa vai de uma pretensão quase pueril de contar uma história de adolescentes que querem fazer um filme e vira, para mim, uma carta de amor ao lugar onde eu vivo e um filme sobre as minhas dores. Eu me abro neste filme de um jeito que eu nunca tinha feito

Ter 13 anos é uma fase complicada, a pessoa passa por mudanças internas e

Filmes de Plástico



O último episódio
relembra a
infância do
cineasta
Maurílio Martins
no Laguna, onde
vive até hoje

externas. Qual a importância de contar essa história cheia de transformações?

Para mim, era muito nítido que o filme tratava sobre como uma criança lida com as dores do luto do pai, que é super tardio, e do convívio muito pouco com a mãe, porque ela precisa trabalhar, já que se ela não fizer isso, não terá quem cuide dele e nem colocar comida dentro de casa. Também temos o Cassinho em um processo de conhecimento próprio que ele não pode

compartilhar com as pessoas, e a Cristão que é criada pela avó e não sabe se vai ver a mãe de novo. Enquanto isso, eles fazem um episódio, tocam num show, vivem a vida entre eles... Mas, no fundo, o filme é sobre o amadurecimento pela dor, sobre três adolescentes lidando com as dores do mundo e se ajudando mutuamente.

**Estagiária sob a supervisão
de Nahima Maciel**



Legado histórico

No dia 23 de outubro chega aos cinemas a cinebiografia de um dos artistas mais populares do Brasil: **Maurício de Sousa** — *O filme mostra a história do criador da Turma da Mônica, protagonizado no longa pelo próprio filho, Mauro Sousa*. “Foi uma experiência muito bonita, porque eu falei bastante com meu pai durante todo o processo de gravação. Ele me contava histórias com muita vontade, tão emocionado, tão feliz, então eu realmente aproveitei para incorporar ainda mais essa nossa relação como pai e filho, a gente se reaproximou e eu me vi admirando-o e amando-o ainda mais. Saber mais da história do meu pai é também saber mais da minha história, então também foi um processo de autoconhecimento de certa forma. Porque eu sou uma extensão do meu pai, eu sou ele também”, ressalta Mauro.

Jury Senck